

# Stadium

N.º 21 \ 28 DE ABRIL DE 1943



Nas Salésias, jogou-se no domingo futebol «de campeonato»... A gravura reproduz uma oportuna estirada de Martins para desviar a bola do alcance de Conceição.

(Foto Nunes d'Almeida)

EM Madrid disputaram-se, num dos últimos domingos, as finais dos III Campeonatos nacionais de ginástica feminina. Despertaram grande entusiasmo em toda a Espanha e incluíram, no seu vasto programa, bailes populares das regiões representadas na competição.

As equipas apresentaram-se com a indumentária característica de cada região. Os campeonatos tiveram, por isso, um duplo motivo de interesse — o seu valor desportivo e o seu pitoresco etnográfico.

\*

A época oficial de natação abre no próximo domingo. Há vários anos que se mantém o aproveitamento do primeiro domingo de maio para inauguração da nova temporada. Não se foge, pois, à tradição.

O festival realiza-se, como de costume, na piscina grande do Sport Algés e Dafundo.

\*

TOMOU posse, na penúltima segunda-feira, a nova direcção da Federação Portuguesa de Natação. Dissemos nova direcção por se tratar de outra gerência, visto que os directores foram reeleitos.

Há um bom par de anos que se conserva no activo um grupo de dirigentes, para assegurar a seqüência no trabalho de orientação da natação portuguesa. Os bons resultados são evidentes. O sistema é, pois, útil.

\*

ENCONTRARAM-SE, recentemente, num desafio anual, as equipas da Escola do Exército e da Escola Naval. Demos já alguns aspectos gráficos do desafio. Mas é oportuno salientar que os dois grupos se exibiram com grande correção e com uma energia que não quebra nunca.

Foi uma jornada magnífica.

\*

A guerra vai produzindo o seu desgaste na mocidade de alguns países. As dificuldades são grandes mas não impedem o progresso em vários desportos. A natação é um daqueles em que se progride.

No dia 12 do corrente foi estabelecido um novo «record» mundial, na estafeta feminina de 4x100, estilo livre. Bateram-no Kirsten Nathansen, Kirsten Ove Petersen, Gerta Ove Petersen e Margariða Harup, dinamarquesas. O «record» estava em 4 m. 08 s.  $\frac{1}{10}$  e passou para 4 m. 05 s.  $\frac{1}{10}$ . A média, por 100 metros, é de 1 m. 01 s.  $\frac{1}{10}$ , apróximadamente. É uma «marca» esplêndida.

As irmãs Ove Petersen faziam também parte da equipa detentora do «record» anterior, fixado em 1939.

\*

NAS proximidades de Carregal do Sal, morreu, há dias, quasi desconhecido do publico, um dos grandes nomes do ciclismo nacional do passado — José Maria Dionísio. Foi um dos mais valorosos adversários de José Bento Pessoa, nos tempos aureos do ciclismo lusitano de há algumas dezenas de anos. José Maria Dionísio cotou-se como campeão do país e corredor de magníficos recursos. E gozou de grande popularidade.

Paz à sua alma.

## A NATAÇÃO PORTUGUESA

# Notas, comentários e sugestões

COMEÇA a movimentar-se a natação. Reünio há dias o congresso anual da Federação Portuguesa de Natação.

Realizou-se a distribuição solene dos prémios correspondentes às provas federativas de 1942. E o nosso presado colaborador Abreu Tórres ventitou, nas colunas da «Stadium», dois problemas a que nos temos reportado mais de uma vez — o abandono a que se votou o «water-polo» e falta de provas de mar. A pouco tempo da inauguração da nova época, todos estes factos se podem considerar como sintomas de interesse pela natação e preparativos de mais uma temporada.

O Congresso federativo caracterizou-se pelo cuidado em manter seqüência na obra directiva, reelegendo todos os corpos gerentes, e pelo acôrdo dado ao trabalho realizado na última temporada. O relatório da direcção é um documento de valor. A natação continua entregue em boas mãos.

A distribuição de prémios, podendo constituir apenas uma prova eloqüente do trabalho efectuado no campo ingrato da organização de festivais, constituiu, em conjunto, uma manifestação de apreço a todos os elementos que se têm distinguido. A direcção da F. P. N. distribuiu as suas primeiras medalhas de assiduidade e por «serviços distintos». A estas juntam-se, anualmente, também com elevado significado moral, as medalhas de «record» e de «estímulo». Tudo quanto se destaque na natação lusitana — pelo seu passado, pelo seu presente ou pelo que promete para o futuro, encontrou e encontra, nas medalhas da Federação, um preito de gratidão ou justiça, ou um elemento de incitamento. E não se esqueceram, até, e para todo o país, os organismos e os elementos que, fora das provas, trabalham pela natação, ensinando ou propagando. O que se fez este ano, na natação, tem valor suficiente para servir de exemplo a algumas das outras federações.

A Federação não descurou o problema da organização de uma prova de mar. Fêz várias tentativas nesse sentido. Os clubes é que, em geral, não dispensaram à iniciativa o interesse que merecia. A sugestão de Abreu Tórres é todavia oportuna, como oportunos são os seus comentários acerca do abandono a que se votou o «water-polo», há bastantes anos. Como se está nas proximidades da nova época, vem tudo em boa altura — para estudo.

MÁRIO DE OLIVEIRA

ANO XI — LISBOA, 28 DE ABRIL DE 1943 — II SÉRIE-N.º 21

# STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor

DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE «REVISTAS GRÁFICAS», L.P.A.

REDACÇÃO E ADMINIST.: T. Cidadão João Gonçalves, 19-3.

Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na GRÁFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A direcção da Federação Portuguesa de Natação resolveu, na primeira reunião da nova gerência, o «caso» do Porto. Analisadas as conclusões do respectivo inquérito, levantou a suspensão imposta à Associação Portuense de Natação, considerou bem aplicados e expiados os castigos aplicados pela mesma associação e resolveu promover uma assembleia geral dos clubes portuenses, para eleger novos corpos gerentes. O Feminino Atlético Clube é louvado pela forma como representou a Federação durante a realização do inquérito.

A futura direcção da associação portuense assumirá o encargo de elaborar novos estatutos e regulamentos. É de desejar que reentre em período — de vida nova.

\*

PEDRO Ros, que Beni Levi venceu com certo brilhantismo, defrontou recentemente, em Alicante, o pugilista italiano Brocchi.

O pugilista Pedro Ros, que aspira ao título de campeão espanhol da sua categoria, venceu o seu adversário aos pontos. Julgamos interessante registar este resultado, na altura que Beni Levi esteve para se bater com outro italiano.

\*

FICOU sem efeito a sessão internacional de «box» que esteve marcada para a semana transacta. Dificuldades levantadas à viagem de Cesari não permitiram que o italiano chegasse a tempo. Foi pena porque havia entusiasmo pelo novo encontro de Beni Levi.

Mas este entusiasmo não se perdeu — visto que a sessão se efectua hoje.

\*

DISPUTOU-SE na sexta-feira de Paizão um novo encontro Porto-Lisboa, de hockey em campo. Oxalá que o êxito de iniciativa contribua para que o desafio se fixe, no calendário das provas oficiais, como encontro anual.

O hockey em campo gozou já de franca simpatia em alguns dos melhores clubes de Lisboa e Porto. E merece que se faça dêle boa propaganda.

\*

FALECEU há dias o sr. Dr. Sebastião José Delgado de Carvalho, ilustre magistrado que foi, também, figura de grande relevo nas esferas superiores do futebol lusitano. Começou a distinguir-se, nas reuniões do congresso de Federação de Futebol, como delegado da Associação de Futebol do Funchal — e desempenhava, há anos, as funções de vice-presidente do Conselho Fiscal e Jurisdicional.

Nas funções antes indicadas desenvolveu uma acção absolutamente notável. Homem do fóro, no mais elevado significado da palavra, analisou vários problemas e incidentes do futebol com superior critério de observação, produzindo acordões que são documentos de valor para a história do desporto.

Causou profunda consternação a morte do Dr. Delegado de Carvalho. A Federação Portuguesa de Futebol e a família do ilustre extinto apresentamos a expressão do nosso pesar.

A PROXIMA-SE o termo do campeonato e a dúvida e o interesse persistem. Faltam apenas três jornadas e três concorrentes mantêm, ainda, legítimas aspirações ao título, que podem conquistar pelos seus próprios recursos, com excepção numa hipótese.

Essa hipótese — de admitir — é a de azuis e encarnados não cederem mais nenhum ponto: neste caso, os primeiros seriam os vencedores absolutos, pela diferença de uma bola a seu favor nos dois encontros disputados entre si (2-4 e 5-2). Acresce que «até ao lavar dos cestos é vinda» e que, mesmo com o primeiro deslize que qualquer dos três da frente venha a ter, o triunfo final não lhe desaparece, por completo, do pensamento. Quere dizer que temos prova para decidir na última jornada e é que a trindade dos aspirantes tem três jogos a disputar — e mais alguns em que pensar...

Com esta igualdade e esta dúvida tão ampla, este é o campeonato nacional que mais interesse, justificadíssimo, tem despertado e mantido.

No domingo registaram-se os seguintes resultados, que podem comparar-se com os da primeira volta, lembrados entre parêntesis:

Belenses, 5-Benfica, 2 (2-4); Olhanense, 1-Sporting, 3 (1-5); Unidos, de Lisboa, 0-F. C. Porto, 0 (6-2); Vitória, 1-Académica, 2 (0-4); Leixões, 1-Unidos, do Barreiro, 6 (0-6).

Má tarde para os visitados...

Apenas o Belenses escapou...

Com quinze jogos disputados por cada concorrente, o quadro da classificação ficou, portanto:

|                     | J. | V. | E. | D. | «Goals» | P  |
|---------------------|----|----|----|----|---------|----|
| Sporting . . .      | 15 | 12 | 1  | 2  | 56-31   | 25 |
| Belenses . . .      | 15 | 12 | —  | 3  | 67-16   | 24 |
| Benfica . . .       | 15 | 12 | —  | 3  | 64-32   | 24 |
| Unidos . . .        | 15 | 6  | 2  | 7  | 53-49   | 14 |
| Olhanense . . .     | 15 | 6  | 2  | 7  | 34-41   | 14 |
| Vitória . . .       | 15 | 6  | 2  | 7  | 43-32   | 14 |
| Académica . . .     | 15 | 5  | 2  | 8  | 44-49   | 12 |
| Porto . . .         | 15 | 4  | 3  | 8  | 31-48   | 11 |
| Unidos (Bar.) . . . | 15 | 5  | —  | 10 | 40-64   | 10 |
| Leixões . . .       | 15 | —  | 2  | 13 | 17-71   | 2  |

#### Pela primeira vez...

Pela primeira vez na prova o Benfica abandonou o primeiro posto. Pela primeira vez, também (excepção após a jornada inaugural do torneio), o Sporting aparece à cabeça do rol dos concorrentes, e isolado, — situação esta que só os encarnados haviam conhecido. Ainda pela primeira vez tão escassíssima diferença separa os três maiores. Por fim, registre-se que, também pela primeira vez, o Belenses acusa ter sofrido tentos nos jogos disputados no seu terreno.

#### Recomeçou a luta

No «torneio especial» que directamente disputam entre si, os três aspirantes ao título, na primeira volta, ficaram empatados, como se sabe: uma vitória e uma derrota. Até agora, quanto aos favoritos, o Benfica cedeu dois pontos (contra o Vitória); o Sporting, três (contra o Porto e contra a Académica); o Belenses, quatro (contra o Porto e em Guimarães). A diferença de pontos cedidos em frente de estranhos é, afinal, e portanto, o desnível que, antes de domingo, se notava entre o trio. Na jornada passada, na futura e na ante-penúltima do torneio, voltam a bater-se. Isto significa que a luta entre os três «colossos» recomeçou... Se se repetir o verificado na primeira



# FUTEBOL

## FALTA POUCO... MAS AS DÚVIDAS PERSISTEM

O Sporting isolou-se no primeiro pôsto, com um ponto de vantagem sobre os outros dois aspirantes

volta, seria, naturalmente, a visita do Benfica a Coimbra, no último programa, que havia de decidir tudo...

#### Primeiro «round» do Belenses

O primeiro «match» da segunda mão do «torneio dos três» terminou favorável aos azuis. É um passo em frente, precioso, uma indicação — longe, porém, de ser uma decisão...

No entanto, não resta dúvida que o Belenses ganhou com todo o mérito e naturalidade este encontro com o ex-«leader», que, num dia formosíssimo, assaz quente, reñiu a assistência-«record» da prova.

No jogo das Salésias, qualquer desfecho que não fosse a vitória dos donos da casa, e por margem folgada, como se verificou, induziria em erro quem não assistiu ao despique, quanto à forma como decorreram os acontecimentos.

Incontestavelmente, os locais foram sempre mais «team» e de justiça é afirmar que brindaram a numerosa assistência com uma magnífica exibição, no sentido puro de jogo de campeonato: rudeza, velocidade, apêgo, entusiasmo, bom sentido de jogo prático — de tudo isto usou a equipa vencedora para, em todos os sectores e sob todos os aspectos, ser superior à antagonista.

A meio do segundo tempo o Belenses chegara a 4-0! Em menos de um quarto de hora o Benfica reduziu a diferença para metade. Chegou a admitir-se um «volte-face» inesperado e — vamos lá — injustificado... Mas o quinto «goal», a cinco minutos do fim, veio repôr as coisas no seu normal e decidir definitivamente a questão, podendo até, como já frizamos, ter influência notável no apuramento final das contas, daqui a três semanas...

#### Como se ganha...

Ganha-se jogando como o grupo belenense jogou. Já citamos as armas de que se serviu — todas as de que, legitimamente, podia dispor.

Na primeira parte, sobretudo, a sua superioridade chegou a ser impressionante. E, no entanto, o triunfo ficou apenas esboçado com um «goal» de diferença, pouco expressivo... Basta dizer-se que a defesa do Benfica se viu em constantes apuros, que Martins teve trabalho frequente, enquanto que, no lado oposto, Salvador foi poupado, só se «estreado» depois dos vinte minutos, por sinal a um «livre» apontado por Francisco Ferreira.

Na segunda parte, quando o encontro, territorialmente, esteve mais repartido, é que os avançados azuis tiraram mais partido das suas ofensivas. Diga-se de passa-

gem que se todo o grupo actuou como conjunto afinado e se o guarda-redes, após o intervalo, teve exibição de mérito, foi o compartimento dianteiro, nos vencedores, aquele que mais sobressaiu, ainda com realce da sua preciosíssima asa esquerda, que conta com um interior discreto e consciencioso — um excelente produto da moderna geração — e um extremo em plena forma, de jogo variado e desconcertante, cujos malabarismos têm sempre finalidade útil.

#### ... E como se perde

O Benfica, o ex-«leader», não esteve à altura da situação nem das necessidades. A equipa de entrada pareceu surpreendida e «deslumbada» com o andamento vivo imposto pelo adversário e tardou em acertar o passo. Depois, os defesas e os médios laterais fizeram o que humanamente era possível fazer-se. Mas era pouco... E porque os restantes companheiros não corresponderam, o «team» sossobrou e perdeu, como não podia deixar de ser, com o mérito apenas — mesmo assim digno de registo — de se ter conformado, o mais desportivamente possível, à evidente superioridade dos antagonistas.

O guarda-redes não manifestou segurança, principalmente nos encaixes, que poucos fez com jeito.

Algumas defesas vistosas, a sóco, não bastaram para compensar os erros que acumulara, — até de colocação, injustificáveis num jogador da sua categoria. Albino foi outro elemento insuficiente e do ataque... nem falando...

O veterano Valadas (que um remate a destacar, que quebrou a tradição das balizas invioláveis) ainda foi o dianteiro mais rematador e persistente. Dos avançados, porém, o mais perigoso ainda foi... o «médio» Francisco Ferreira...

Com este contraste na disposição e inspiração das forças em choque, nada mais podia esperar-se que a vitória do Belenses...

#### Viagem difícil

O segundo «match», em importância, era o que os «leões» disputavam em Olhão contra os campeões algarvios. Afinal, os visitantes, mercê da sua maior experiência e da convicção com que se bateram, transpuseram o obstáculo... É certo que o Olhanense marcou primeiro e que, tendo cedido o empate ainda antes do intervalo, merecia, até então, uma diferença a seu favor. Depois o Sporting «bateu o pé», «cresceu», mas na realidade o grupo vencido batalhou até final, com ardor e vibração, para dar diferente rumo aos acontecimentos...

Como tem sucedido a outros — e a todos noutras ocasiões — o Sporting ganhou por ter «moral», aquele atributo que, em certa altura, lhe faltou, e cuja ausência chegou a fazer pensar que o «team» — o actual «leader» — estava irremediavelmente afastado da competição...

#### Jogo em branco

O Unidos lisboeta recebeu o Futebol Clube do Porto, em cujo terreno já o batera expressivamente, e o desafio terminou sem «goals». O encontro não teve mé-

## O torneio da II Divisão

PODE dizer-se que o torneio da II Divisão entrou já na sua segunda fase. Um ou outro jogo em atraso, relativo às «poules» de apuramento, não chega para modificar o «panorama» da competição.

No domingo disputaram-se quatro encontros com vista ao acerto do número de equipas em cada um dos grupos estabelecidos pela organização da prova. Disputaram-se também alguns jogos — poucos — para «arrumação» das «poules».

Mas, como é natural, os primeiros fizeram esquecer os segundos. Os contendores eram equipas de maior categoria, as responsabilidades da luta eram maiores e... o público só a esses quatro encontros dispensou atenção.

Vejamos, de relance, o que se passou de norte a sul.

Em Viseu, o Académico local recebeu a visita do Sporting de Espinho e venceu por 3-2. O resultado deixa transparecer luta equilibrada, tal qual se previa.

O Portalegrense e o Sporting de Espinho, equipas que nas suas regiões gosam de fama justificada mercê da sua superioridade nítida sobre os restantes clubes, defrontaram-se no campo do primeiro.

A luta foi renhida de princípio ao fim e o empate de 2-2 ficou a traduzir o equilíbrio verificado.

Em Lisboa o Atlético recebeu a visita do G. D. Peniche. Os lisboetas não fizeram exibição de grande mérito, mas em frente de um adversário pouco habituado a estas «andanças» alcançaram o melhor resultado da jornada.

O encontro do Barreiro teve as honras da jornada. Quer o Barreirense quer o Estoril, que era o detentor do título, ganhou há um ano, poderiam aspirar à vitória final. Previra-se encontro animado e renhido e assim sucedeu.

O Estoril fez o primeiro goal da partida, mas os locais não tardaram a empatar e nunca mais estiveram em dificuldades.

A vantagem de jogar em casa foi bem aproveitada.

Entre os alentejanos o Luso de Beja eliminou o Estremoz. A terceira partida entre as duas equipas foi ganha pelos bejenses por 3-0.

E agora, com quatro apurados em cada grupo, a prova entrará no próximo domingo, na arrancada final.

De noventa e sete equipas concorrentes... restam desasseis.

ASPECTOS DO BELO SARAU

# elo LISBOA GIMNASIO



(Fotos Nunes d'Almeida)



**NATAÇÃO:** 1—Grupo dos concorrentes ao «Torneio da Primavera» do S. A. De Junco.  
**CICLISMO**—Os campeonatos distritais de Junco; 2—A chegada dos amadores «seniores»;  
3—Os amadores «juniores» na descida de serra de Freixeira; 4—O vencedor da prova  
de domingo, Serafim Paulo, e o campeão da categoria, Júlio Mourão, nas proximidades  
de Louze.

## A EXPOSIÇÃO DE CAMPISMO NO ATENEU COMERCIAL

DOIS ASPECTOS DO  
CURIOSO CERTAME



**A** NUNCIAM os jornais que o Clube Fluvial Portuense vai realizar uma homenagem póstuma ao tenente Manuel dos Santos, um dos mais activos cooperadores na obra desportiva daquele clube.

Manuel dos Santos, vítima de uma enfermidade contrada durante a Grande Guerra, foi Alguém no meio desportivo nacional. Orador fluente, de palavra fácil e verbo alicianete, deixou o seu nome ligado a algumas das grandes demonstrações de actividade desportiva, não só no Fluvial como na cidade.

Remador dos mais completos, fez parte de várias equipas desta modalidade, sendo considerado um «ás» do remo, que ele praticou com invulgares qualidades técnicas, como desportista concededor a fundo dos seus segredos.

A sua morte deixou aberta uma lacuna no ambiente do desporto portuense. De praticante a dirigente, e, mais tarde, a propagandista, Manuel dos Santos soube ser, como ninguém, activo defensor da educação física.

A sua personalidade está ligada ao movimento desportivo da nossa terra nos últimos tempos, tendo criado conosco uma secção de propaganda no emissor «ORSE», que era ouvida com grande satisfação e interesse por todos os desportistas tripeiros.

Com a saúde abalada, Manuel dos Santos, que conhecia perfeitamente o estado em que se encontrava, não negou nunca o seu préstimo quando havia necessidade de defender a integridade do desporto, naquilo que ele tem de belo, de racional — de factor principal do revigoramento da raça.

Assim a notícia da reunião na sede do Fluvial, para estabelecimento das bases da homenagem a quem foi um valôr positivo no nosso meio desportivo, encheu-nos de satisfação. Procurar-se-á tentar liquidar a dívida de gratidão que todos contraíram para quem teve, dentro do desporto, um nome firmado à custa de desinteresse, abnegação, altruísmo e saber.

Associamo-nos, de alma e coração — nem podia deixar de ser — a tão merecida homenagem. Dentro das nossas possibilidades, aqui nos colocamos à disposição dos organizadores dessa homenagem.

É, já agora, uma sugestão: Manuel dos Santos, foi, antes de tudo, um símbolo no desporto do remo. Porque não se institue uma taça a disputar permanentemente entre os clubes do remo, com regulamento próprio e a incluir nas provas oficiais?

Teríamos assim uma forma de apontar aos novos o nome daquele que desejamos manter vivo no nosso peito.

MÁRIO AFONSO

Telegramas : Telefone: 86  
RUIVIROSA Apartado nº 11.

**A. A. Rutvinho & C.ª**

Comissões Consignações e Conta Própria — Armazenistas de lenhas e carvão, vegetais

Vila Real de Santo António

Um «furo» no ciclismo portuense

**A** S «coisas» estão a complicar-se extraordinariamente no meio ciclista desta cidade, como a afirmar que esta época nasceu sob mau sestro...

O protesto apresentado pelo Salgueiros e pelo Sangalhos, em consequência da desclassificação de corredores seus nos «100 km. contra relógio», originou um borbórinho na delegação, pois, segundo é voz corrente — só nos fazemos eco do que se diz — os directivos não tiveram ou soberam ter o cuidado de cumprir o que está estabelecido.

Os argumentos pró e contra surgem de todos os lados, os comentários constituem catadupa, e, no meio deste «temporal», a delegação do Porto da U. V. P. não teve — parece — o equilíbrio preciso para resolver dentro da melhor doutrina.

Os colaboradores desportivos da rubrica apresentam, nos respectivos jornais, uma série de considerações atinentes a provar o pouco critério havido na solução do protesto a que nos reportamos acima, invocando, para alicerçar as suas afirmações, textos do regulamento, etc.

Creemos que não há dúvidas sobre a boa intenção dos «directivos», que pode muito bem ter sido errada, mas que deve ter procurado ser imparcial — condição indispensável e imutável no desporto, seja qual for.

No entanto, as «vozes» são muitas — e os interesses degra-

diam-se, uns fundamentados em preceitos regulamentares, outros alicerçados nas conveniências clubísticas.

Uma coisa é positiva; o campeonato regional está prejudicado, assim como prejudicada está a representação do norte nos campeonatos nacionais de fundo. Salvo se a União conceder novo adiamento de quinze dias, pelo menos, pois falta efectuar a prova de 200 km. e é preciso contar com a possível anulação da de 100 km. contra relógio.

Seja como for, a balburdia continua.

Um novo precalço: o F. C. Porto extinguiu a sua secção de ciclismo! Falta a comunicação oficial à União, mas, verbalmente, já o caso foi apresentado com fundamento um pouco esquisito...

Enfim... «coisas»!... Cada um sabe de sim...

Mas a verdade é que tal atitude do F. C. Porto vem prejudicar muito aquela competição, que tanto bem faria ao ciclismo nortenho. A desistência dos «azuis-brancos» merece comentários, quanto mais não seja por este facto.

Em face dos regulamentos, os corredores estão livres, pois nenhum deles tem contrato firmado na União. Será assim?

Aguardemos...

F. B.

Notas sem valor...

**C**AIU Troia no meio desportivo com a «fuga» de Zeca, extremo-direito do Boavista. O «jovem» atleta portuense, criado e educado no clube do Bessa, deixou-se iludir com o «sermão» do representante do Benfica na cidade Invicta...

— Na véspera da partida para Lisboa — sexta-feira, à tarde — tinha havido uma ligeira entrevista com o jogador do Boavista. Apesar da «idade» — 19 anos apenas!... — o «emissário» do burgo tripeiro conseguiu convencer Zeca. Fala-se muito, ou melhor, já foi ventilada uma nova hipótese, para «combater» a «emigração» nortenha...

— Sistemáticamente, com propósito «reservado», um árbitro de «hand-ball» — muito competente — consegue «irritar»... determinado clube portuense. O grupo joga, portanto, com «receio...» A-pesar da «recomendação» da direcção do clube, surgiu, agora, outra «observação», para evitar atritos.

— A Associação de Hand-ball do Porto, um pouco «embaracada» com a falta do árbitro indicado, foi forçada — por motivo bem forte — a «recurrer» a outro juiz de campo. Salvou a tempo uma possível complicação...

— Tem jogado já, a extremo-direito da turma do Académico,

Almeida, ex-Carcavelinhos. Nos jogos particulares tem cumprido — e muito bem. Conta o Académico, na próxima época, com a sua colaboração.

— Novo rumo da direcção do Salgueiros, com referência a treinador. Aponta-se um elemento nacional, com relações muito íntimas — viveu muito tempo na «família» salgueirista. Para «re-mediá-lo», uma visita por semana ao Porto, para treinar os jogadores do Salgueiros. Seria de facto, uma boa aquisição — caso não surja qualquer «entrave»... do lado da sua recente colectividade.

— Deixou o «hockey» em campo o dr. Lino Ferreira, interior-esquerdo do F. C. do Porto. Fechou o seu ciclo de competições com o Lisboa-Macau, segundo a «cópia» do nosso informador... Falta na equipa do Porto um bom elemento — a colaboração do científico jogador de Macau!

— Os «reservistas» do Académico, campeões regionais da época, confraternizaram no penúltimo domingo, com uma «recepção» agradável na saudável e maravilhosa vivenda de José Eduardo Dias, capitão da equipa. Nessa «festa de amigos», o Alexandre Samagato, como simpaticamente da «gente» das reservas, ofereceu a cada jogador uma

**O** torneio relâmpago, levado a efeito pelo «terceto» clubístico desta vila, em homenagem ao activo delegado policial deste concelho, dr. Carlos Vale, antigo praticante desportista gaicense, teve duas finalidades: render preito de gratidão a quem tanto tem feito pelo desporto desta terra e evitar o «arrependimento» do entusiasmo pelo futebol.

Ambas fôram atingidas, porquanto o torneio decorreu com brilhantismo e teve a presença do elevado número de simpatizantes.

O sorteio pôs frente a frente, nas eliminatórias, o S. C. Coimbrões e o F. C. Gaia, vencendo aquele por 1-0, e o Candal e o Salgueiros — que se prestou a colaborar neste festival — cabendo a vitória aos candalenses por 3-0.

Fôram, pois, finalistas os velhos rivais Coimbrões-Candal, que proporcionaram luta emotiva e agradável, em desportivismo alicianete. O jogo, disputado com energia e vigor, deu o triunfo ao Candal por 2-0, ganhando este, assim, o valioso trofeu.

Entre os jogadores em campo sobressaiu o guarda-redes do Coimbrões, Fernando, cuja decisão, combatividade e antecipação nas jogadas o tornaram crêdor de referência especial. Bom será que procure progredir, sem fatuidades que lhe possam tolher a sua aliás prometedora carreira.

S. L.

medalha comemorativa — uma «recordação» do acontecimento da época.

— Nos bastidores do «basket-ball» portuense dá-se como certa a saída de Rodrigues, o excelente defesa tripeiro, para um clube da capital: o Sporting.

— Que o bom filho à casa torna, prova-o o regresso de Abílio ao Vasco. É o caso... «mã, há só uma»...

— O Marques, o Santiago, o António Jorge, o Rafael, este, aquele, mais aquele outro, vão para tal, tal e mais tal clube... Mas, quem os quizer ver, passe pelo Excelsior. Eles aí estão, «espampantantes», a mostrar-se. Todos, menos o António Jorge. Esse faz «paragem-zona» em frente de «certo» prédio da Rua de Santa Catarina... entoando em surdina o conhecido tango «Te quero todavia...»

DR. ALVARENGA

Soc. An. Angelo Parodi Fu B.<sup>mo</sup>

GENOVA — (Italia)

Casa fundada em 1879

CONSERVAS DE PEIXE

EM AZEITE E SALMOURA

Com fábricas em: PORTUGAL

Olhão e Vila Real de Santo

António (Sucursal)

ESPAÑA . ITALIA

MARROCOS . TUNISIA

Telegramas : PARO — Genova

PARODI — V. R. de Santo António

## ATLETISMO — Um desporto que prestigia as nações

NINGUEM desconhece que o atletismo é um dos desportos mais belos e dos mais completos que se praticam. O vigor físico, o esforço individual, o apuro, a correcção de estilo, a inteligência e o espirito de lealdade — são características que muito concorrem para que este desporto seja dos mais apreciados e dos mais dignos de se verem.

Agora que se pensa fazer resurgir no nosso país o gosto pela cultura física, convém salientar a atenção que o atletismo tem merecido aos governantes das nações, principalmente da Europa, onde este género de desporto é praticado em larga escala.

Que seriam os Jogos Olímpicos sem provas de atletismo? Assemelhar-se-iam a um rei sem coroa. Assim, um país que não possa alinhar uma boa equipa de atletas jamais poderá orgulhar-se de ser uma nação desportivamente forte.

A Finlândia — esse pequeno país de quatro milhões de habitantes — fornece o maior exemplo na história do atletismo.

Os seus magníficos atletas, que pisaram quasi todas as pistas do mundo, conquistaram para a sua pátria — mercê da sua classe excepcional, produto de trabalho perseverante e bem orientado — uma auréola de glória que nunca mais se extinguirá.

Tanto aprêço merecia o trabalho dos finlandeses no desporto que a sua nação fôra já designada para organizar os Jogos Olímpicos de 1940. Mas a guerra, a terrível surpresa desta geração, não permitiu que a Finlândia corresse a sua bela epopeia com o mais alto e merecido prêmio.

Também a Suécia, que teve a honra de receber os Olímpicos de 1920, nos dá outro magnífico exemplo do que qualquer nação pode fazer no desporto. Dedicando-se principalmente ao atletismo, os suecos formam ao lado dos maiores valores mundiais.

Mas não esqueçamos ainda a Grécia e a Hungria, que têm sabido engrandecer-se no desporto, apresentando, como melhores embaixadores da sua raça, os seus excelentes atletas.

Muito mais poderíamos citar no que respeita à importância que certas nações dedicam aos desportos, sobretudo ao atletismo, quer cuidando da sua expansão, quer auxiliando grandemente a iniciativa particular.

Entre nós, lamentavelmente, os desportos não mereciam especial atenção — e por isso nos encontramos num grau de grande inferioridade em relação aos estrangeiros. Tínhamos nos esquecido de que os triunfos no desporto também contam para o prestígio de uma nação!

Para os portugueses o futebol absorvia quasi todo o interesse e todo o tempo; os outros desportos não passavam de complemento vulgar. Dirigentes e público habituaram-se a ver no futebol o único espectáculo desportivo de merecimento.

Eis uma errada visão, um antagonismo que contrariava o pro-

gresso geral das várias modalidades de desporto e nos colocava numa escala descendente alívia.

Não admira, por isso, que sendo o atletismo um dos primeiros desportos que se começaram a praticar no nosso país, não presente, cerca de trinta anos depois, os sintomas de melhoria correspondente a tão longo período.

Em Portugal apenas a Associação de Atletismo de Lisboa se tem esforçado, de quando em vez, por não deixar morrer o gosto pelo atletismo. Mas só a Associação de Lisboa não chega para fazer do atletismo português uma auspiciosa realidade.

O atletismo resente-se da falta de continuidade de trabalho dos praticantes, que começam com muito entusiasmo mas se retiram muito cedo. Por ser o atletismo um desporto que exige estudo e aplicação? Por falta de capacidade técnica de quem ensina? Ou por falta de condições próprias dentro dos clubes e das escolas? Seja pelo que for, qualquer coisa existe que não o deixa marchar em frente.

Depois a guerra aberta que se verifica entre os dirigentes é outra das causas que não favorecem a expansão do atletismo. Enquanto a política clubista não terminar não teremos nada feito.

A boa compreensão é necessária para o sucesso desta causa. Nesta batalha devem vencer os bem intencionados, porque as idéias progressivas não podem amolecer por mais tempo.

Marquem-se diretrizes fecundas e faça-se o melhor esforço para levar o atletismo nacional ao lugar que lhe compete entre as nações do mundo. Lembrem-nos que amanhã, já na hora da paz, Portugal precisa de mandar aos Jogos Olímpicos uma equipa de atletas que nos represente condignamente.

Assim o impõe a gloriosa tradição da nossa raça, não para ostentar, mas para mostrar e exprimir o valor das virtudes que nos honram.

Sirvamo-nos dos nossos princípios morais para buscar um futuro melhor para o atletismo português, desporto para o qual o Estado deve olhar com carinho, criando as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

CARLOS MANUEL

## Inaugurou-se a II exposição portuguesa de campismo

ESTA II Exposição Portuguesa de Campismo, que o Ateneu Comercial de Lisboa inaugurou nos seus salões, com o patrocínio do nosso presado colega «O Século», marca uma posição de destaque em quanta propaganda se tem feito no nosso país para divulgar o belo desporto, a modalidade que aconselha, e melhor permite, estar em pleno contacto com a Natureza, admirando-a e dela recebendo o ar e o sol purificadores.

A campanha de divulgação do campismo, cujos resultados são magníficos, necessita no entanto de iniciativas como esta — que chamem à realidade todos quantos desconhecem, ou não compreendem, as valiosas vantagens do mais salutar dos desportos.

Na decorrer dos oito dias da exposição, um programa interessante e bem elaborado acompanha a idéa de propaganda que orientou a secção campista do Ateneu. Mas bastava esta bela iniciativa para se lhe reconhecer já quanto entusiasmo e dedicação põe ao serviço da modalidade.

A inauguração da exposição deu motivo a uma recepção a convidados e representantes da Imprensa, durante a qual o sr. Vasco Ribeiro, presidente da direcção do Ateneu, proferiu algumas palavras alusivas à idéa que anima os campistas da prestigiosa colectividade.

Aproveitando esse momento, prestou-se homenagem à memória do sr. dr. Cunha e Costa, considerado o pioneiro do campismo em Portugal, sendo o seu perfil traçado, com palavras de muito elogio, pelo sr. dr. Almeida Rocha.

Numa breve palestra — proferida com espirito e interessando a assistência pelas narrativas da sua vida de africanista, na qual, como seu pai, praticou largamente o campismo — o sr. dr. Elmano Cunha e Costa aconselhou a juventude portuguesa à prática da modalidade que torna os homens fortes, ao mesmo tempo que lhes pedia o seu amor pelas nossas colónias, para sabermos compreender a grandeza de Portugal.

\*

A exposição inaugurada, que se divide por cinco das belas salas do Ateneu Comercial, é curio-

íssima, e representa o esforço de diversos núcleos de campismo que colaboraram nesta iniciativa, a mais notável demonstração campista realizada no nosso país.

Contribuíram especialmente para o êxito da exposição os grupos campistas do Clube Atlético de Campo de Ourique e do Grupo Desportivo da Companhia dos Tabacos e os núcleos «Sol Nascente», «Caravana Campista Bom Humor», «Sol, Mar e Campos» e «Amigos da Natureza» e o Clube Náutico «Mare Nostrum». A provincia está representada pelos galhardetes dos seus núcleos, que embelezam as salas.

Percorrer os cinco salões é tomar conhecimento com as diversas modalidades de campismo.

Na Sala Encarnada, o campismo náutico, colaboração interessante do Clube Náutico «Mare Nostrum», com apetrechos de pesca — um desporto que está sendo muito praticado pelos campistas — dois modelos de «kayaks» e a tenda «itisa holandesa» modelo curioso, de um metro e sessenta de altura e pesando, completa, um quilo e novecentos grammas.

A Sala Amarela é dedicada ao campismo pedestre e ciclo-campismo, sendo de apreciar as bicicletas, com atrelados, para transporte do material campista.

Depois, na Sala Branca, o campismo na montanha, o alpinismo e o «ski», e na Sala de Armas uma curiosa visão de um acampamento fixo, com todas as «comodidades» e apetrechos cuidadosamente dispostos e fornecidos pela perfeita idéa do que é um daqueles acampamentos.

Finalmente, na Sala Azul, a exposição fotográfica e bibliográfica, pela qual se pode avaliar os momentos agradáveis que têm vivido todos quantos têm praticado tão saudável desporto.

Toda a exposição está montada com cuidadosa atenção, para que não lhe falte o ambiente necessário. Instalados nos seus «acampamentos», deram aplaudida colaboração os conjuntos musicais campistas «Lua Nova» e «Luso-Brasileiro».

A magnífica exposição elucidada-nos ainda da expansão do movimento campista em Portugal, onde existem 230 grupos, dos quais só 20 têm cotização; 10 secções anexas a clubes desportivos; e 2 clubes de campismo, o Clube Nacional e o Camping Clube do Porto — ao todo 232 agremiações de campismo, com um total de 2.000 praticantes.

F. S.

## Uma conferência

Na sexta-feira, na «Sala de armas» do Ateneu Comercial de Lisboa, proferiu a sua palestra, sobre «Campismo», o sr. dr. Pina Lopes, trabalho interessante e onde, a par de úteis conselhos aos campistas, fez o elogio do belo desporto, que apelidou de passatempo agradável, útil e moral.

Presidiu à sessão o sr. Vasco Ribeiro, secretariado pela sr.ª D. Maria das Dóres Pereira, representante da «Caravana Campista Bom Humor», e sr. Henrique Pinto, dedicado ciclo-campista.

## José António Ritta

FABRICANTE DE PEIXE EM CONSERVA PELO SOL

SEDE:

Vila Real de Santo António

FILIAL:

Malozinhos: Rua Serpo Pinto, 72

TELEFONES:

Malozinhos — 231 — M

Vila Real de Santo António — 13



na 15.ª jornada  
**A VITÓRIA DO BELENENSES**  
 ELEVOU O SPORTING AO 1.º LUGAR.

José Pedro parece executar com Alcobia um difícil exercício de "jonglage"...



No Lumiar A — Uma fase do jogo Unidos-F. C. Porto

Em cima: Martins lança-se tarde e consente o 3.º ponto dos "azuis", marcado pelo extremo Rafael, que não aparece na gravura. Observe-se a expressão de Gaspar Pinto... Em baixo: A bola bateu na trave, dando a sensação de "goal". Salvador conseguiu repeli-la mas a dúvida ficou subsistindo...



Em cima: Uma boa defesa de Martins, que acabou em cómoda posição sobre a relva. Conceição apresta-se para carregar. Em baixo: Clássica atitude de Franklin, ante a expectativa de Alcobia

**CAMARADAGEM DESPORIVA**  
 OS «ENCARNADOS» FICARAM VISIVELMENTE COMOVIDOS COM AS «AMENDOAS» DOS «AZUIS»...





# O ciclismo de competição

sendo modalidade de execução individual, admite a ajuda mútua entre os praticantes

**S**ó quem confrontar as crónicas feitas há quinze anos com as dos último tempos é que poderá verificar quanta diferença existia na maneira de descrever uma prova de então e a narrativa de uma competição dos nossos dias.

Há uma década parecia apenas interessar quem ganhava as corridas, quantos corredores tinham partido e chegado, ou se as palmas, vivas e foguetes estavam em relação com o valor das provas.

Naqueles tempos também tudo seria proeza de culto: chegar irreconhecível, coberto de poeira; terminar a prova, sempre sosinho e em último lugar; consertar um «furo» sem carros de apoio e ter até coragem para concluir uma competição de 100 quilómetros com sessenta minutos de atraso do vencedor...

A falta de outros pormenores que pudessem interessar o público, as crónicas tinham de ser feitas com minucioso sentido de descrição, enaltecendo, por vezes desmedidamente, os corredores, e focando até, como demonstração de proeza de elevado valor atlético e desportivo, factos que brigavam com o amor próprio dos estradistas.

## Ídolos à maneira antiga

Assim se criavam verdadeiros ídolos, tais como o velho Matos — o homem que no Porto-Lisboa mandava preparar o jantar em Alcobaca, sem se lembrar que tinha um jurí à espera dele na capital; o «coxo dos pneus», que galgava quilómetros e quilómetros à compita com estradistas a correrem de bicicleta, e muitos outros ciclistas que tiveram popularidade na velicidade...

A época era outra e tornava-se necessário prender o público com factos por vezes à margem do desporto, já que não havia possibilidade de se demonstrar como e por que uns venciam e outros eram vencidos.

Nessa época, pouco ou nada se conhecia da técnica de montar e correr, e, por isso, tornava-se impossível comentar ou criticar uma competição.

Os relatos das provas eram, por assim dizer, a descrição das mesmas — feita segundo a maior ou menor fantasia dos cronistas.

## A grande evolução

Quando foi a Pontevedra uma equipa de ciclistas, já lá vão 11 anos, — dos conhecimentos colhidos nessa digressão, e também da própria evolução sofrida pela velicidade no nosso País, nasceu o princípio de comentar, criticar e estudar a maneira como se comportam os ciclistas.

E assim se foi habituando o público a interessar-se pelas questões de ordem técnica e de desear saber também o «porquê» da derrota ou da vitória dos seus corredores predilectos — creou-se, dessa maneira, o princípio de destrinçar o valor das competições, o brilhantismo

de comportamento dos estradistas e o mérito dos resultados obtidos.

## O «tempo» factor importante

Para quem conhece a «mecânica» da velicidade — que é, podemos dizê-lo afoitamente, uma das modalidades desportivas de técnica mais apurada e de mais subtilidade — para quem conhece esses pormenores, uma vitória obtida por fuga longa é sempre mais brilhante que a conquistada na embalagem final, ou um homem combativo e amigo de lutar tem normalmente actuação mais meritoria que o atleta que por sistema se defende.

Todavia, para muita gente ainda passam despercebidos estes factos.

Desta maneira, julgando-se o valor dos atletas apenas pelos resultados obtidos, ou se tira o mérito a um para o dar inerecidamente a outros, ou se atraiçoa o próprio juízo crítico sobre o valor real dos atletas.

Compete pois à crítica, no complemento da missão a que se votou há anos, ampliar os conhecimentos técnicos das pessoas ligadas à velicidade, pois só assim poderá compreender-se, em toda a sua amplitude, a beleza incomparável do ciclismo de competição.

## Princípio basilar

O ciclismo, sendo uma modalidade de prática individual, é sem dúvida aquela em que o atleta mais beneficia da ajuda dos companheiros de luta. A velocidade a que os ciclistas se deslocam e ainda as dimensões atingidas pelo bloco — corredor e bicicleta — oferecem tamanha resistência ao ar, mesmo sem vento a soprar de frente, que o homem que comanda uma marcha despense pelo menos 20% mais de energia que o homem «colado». Em nenhuma outra modalidade sucede isto.

Nas corridas a pé, por exemplo, o atleta que segue mais abrigado pode de facto beneficiar um pouco dessa vantagem, mas em escala infima, pois a velocidade de deslocação é menor e o tempo de prova mais reduzido.

No ciclismo, entre dois corredores de classe e características iguais, o desgaste é sempre superior no homem que comanda. E se esse homem consegue vencer, depois de «rebocar» o adversário até final da prova, não pode haver dúvidas que o triunfo foi brilhante, merecido, normalíssimo! A actuação desse atleta foi superior e o mérito do segundo classificado será diminuto — porque teve a sua base na ajuda do adversário...

Se porventura é o homem «rebocado» quem ganha, essa vitória terá sempre valor relativo. Dir-se-á que um ciclista que veio «colado» andou tanto como os outros — conseguindo ainda adeantar-se no final. No entanto, não devemos esquecer-nos dos já citadas 20% de energia postos a mais pelos animadores das provas — percentagem essa amplamente confirmada nos estudos feitos por entidades que se têm dedicado

# TOUROS & TOUREIROS

II

A fechar a nossa última crónica afirmámos que a tauromaquia está de tal forma ligada a muitos dos factos mais salientes da vida peninsular, que o seu estudo tem sido cuidado por cultíssimos autores pela forma erudita e minuciosa por que se faz a verdadeira História. Para nos não alongarmos numa lista que resultaria interminável, citamos ao acaso os nomes de alguns dos mais notáveis investigadores que nos legaram abundante material de conhecimentos tauromáquicos: D. Fernando Garcia de Bedoya, considerado o primeiro cultor da história do toureiro; D. José Sanchez de Neira, autor do célebre «Diccionario Tauromáquico» e de outras obras — um tanto prejudicadas pelo excesso de dogmatismo, pela falta de amenidade literária e pela abundância das inexactidões que contém; e D. Pascual Millán, D. Antonio Peña y Goñi e D. Luiz Carmona y Millán, a par de investigadores inteligentes e probos, foram as principais figuras da polémica que se travou numa das épocas mais brilhantes do toureiro, a da rivalidade Lagartijo-Frascuelo. Pascual Millán e Luiz Carmona eram «lagartijistas» intransigentes. Peña y Goñi, «leader» dos «frascuelistas», considerado por muitos como o primeiro escritor tauromáquico do século XIX, deixou fama de faccioso e apaixonado em extremo.

A par de obras de carácter histórico e anecdótico, dos anuários, das colecções de revistas e jornais taurinos, das biografias, das colecções de resenhas de críticos reputadas, abundam também as obras de carácter didático, entre elas dois tratados célebres, de que foram autores dois mestres do toureiro de distintas épocas: Francisco Montes (Paquiro) e Rafael Guerra (Guerrita). De grande interesse para os verdadeiros «aficionados», são também as obras exclusivamente consagradas ao touro, algumas delas verdadeiros tratados científicos deste ramo de pecuária.

Os romancistas têm encontrado na tauromaquia uma fonte inesgotável de temas novelescos. Teófilo Gautier não hesitou em afirmar, no seu «Voyage en Espagne», que uma boa corrida de touros valia bem uma tragédia grega, e deixou-nos uma interessante novela, hoje quasi desconhecida, «Os amores de um toureiro». Numa obra francamente demolidora, o «Sangre y Arena», Blasó Ibañez focou quadros de um colorido e de uma verdade flagrantes, em que, a despeito do seu acido de cosmopolita pelas corridas de touros, se revela o seu fundo de subconsciente espanholismo, arrastando-o instintivamente a um culto pagão por aquilo mesmo que ele se propõe demolir a golpes de machado.

Perez Luguin, o modesto «revisor» galego que assinava com o pseudónimo de «D. Pio» e que, dobrado o cabo dos sessenta anos, se revelara inesperadamente um mestre consumado da novela espanhola, publicando a sua imortal «Casa de la Troia», lança à arena, como réplica retumbante à obra demolidora de Blasco, o seu genial e realismo «Currito de la Cruz».

De grande interesse para os bibliómanos seria por certo a colecção de quanto se tem legislado nos dois países peninsulares sobre «Res Taurina», passando pela «Real Orden» com que Fernando VII criou a célebre e efémera Escola de Tauromaquia, de Sevilha, e pelos constitucionais decretos com que a equívoca brandura dos nossos costumes impôs às rezes bravas da lezíria ribatejana o uso de luvas nos apêndices defensivos e o martírio a prestações.

As artes plásticas têm encontrado nos assuntos tauromáquicos um riquíssimo tesouro de motivos. A Tauromaquia de Goya, admirável colecção de águas-fortes do grande mestre, fornece-nos elementos preciosos para o estudo das transformações por que passaram as diversas fases da lide e a indumentária dos toureiros. Artistas modernos de boa escola, como Roberto Domingo, têm encontrado nas corridas de touros assunto para uma pintura impressionista, rica de cor e palpante de vida. Do glorioso escultor Mariano Benlliure ficarão para a posteridade duas obras-primas, das maiores que o seu cinzel de Mestre produziu: «La estocada de la tarde» e o mausoléu do malogrado Gallito no cemitério de Sevilha.

Tendo-nos alongado em demasia nestas considerações preambulares, notamos com desgosto que omitimos a citação de muitos dos mais interessantes pontos de contacto da tauromaquia com a vida mental e artística de Espanha. Tentaremos agora condensar quanto possível uma ideia sumária da evolução da festa dos touros através dos tempos.

(Continua)

J. E.

**CASA INGLESA**  
de Pedro Dias, Lda.  
Estabelecimento de café, bebidas nacionais e estrangeiras. Livraria, papeleria, artigos fotográficos, etc.  
VENDA DA «STADIUM»

GIL MOREIRA

# AS "POULES" DA S. H. P.

A semelhança das últimas épocas, foram as «Poules da S. H. P.» que serviram para inauguração da presente temporada.

Propositadamente deixámos que decorressem algumas jornadas do interessante certame para lhe fazermos referência. O atraso afigura-se-nos compensado pela certeza de fornecermos aos nossos leitores impressões que já não podem sofrer desmentido. Nove reuniões no terreno do Jockey Clube, qual delas a mais animada e mundana, bastaram para justificar a iniciativa simpática e utilíssima da Sociedade Hipica Portuguesa.

A «edição» de 1943 pode ficar como das melhores — senão a melhor — de todos os tempos, devendo apontar-se, como segredo do êxito, a regularidade na sequência das provas. Com efeito, em onze domingos seguidos só se registaram duas interrupções: uma provocada pela quadra festiva do Carnaval, outra pelas chuvas.

Os objectivos em vista, com a realização das «Poules» — descoberta de novos animais, treino dos nossos concursistas e propaganda do hipismo, que é um desporto de honrosíssimas tradições para os portugueses — foram, por isso, melhor alcançados.

Uma das provas organizadas pela Sociedade Hipica Portuguesa, com a designação de «Poules», destinou-se a cavalos principiantes. Concorrentes novos, experimentando as suas aptidões ao lado dalguns consagrados, ensaiando novas montadas, têm contribuído para o interesse das jornadas. A percentagem de percursos limpos tem sido apreciável e nenhum dos vencedores sofreu penalização. Os primeiros lugares foram assim atribuídos:

Prova 1.ª, P. Rodrigues, no «Coolela», em 51 s 1/2; 2.ª, A. Vasconcelos, no «Impulsivo», em 42 s 1/2; 3.ª, G. Ivens Ferraz, no «Zaire», em 1 m; 4.ª, Vilas Boas, no «Vilão», em 47 s 1/2; 5.ª, R. Castro Pereira, no «Quintal» em 1 m 1 s; 6.ª, R. Castro Pereira, no «Quintal», em 1 m 5 s 2/5; 7.ª, P. Rodrigues, no «Coolela», em 1 m; 8.ª, R. Castro Pereira, no «Quintal», em 50 s 1/2; 9.ª, R. Castro Pereira, no «Quintal», em 1 m.

O favorito desta prova não é, como à primeira vista pode parecer, Rodrigo de Castro Pereira, quatro vezes vencedor. Trigo de Sousa, no «Paraquedista», está à frente da classificação, com 177 pontos. As suas posições foram, sucessivamente; 5.º, 10.º, 6.º, 7.º, 7.º, 11.º, 4.º, 3.º, 3.º. Só nas 4.ª e 6.ª provas, este concorrente foi penalizado.

A outra «Poules», de inscrição livre, tem tido a valoriza-la a presença dos nossos mais categorizados concorrentes. Pascoal Rodrigues e Fernando Cavaleiro têm mantido uma rivalidade constante, de tal modo que um só

(Conclui na 4.ª coluna)

# Os precursores dos campeões

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

Os heróis do desporto contemporâneo são, pela retumbância da sua popularidade, os campeões coroados nos Jogos Olímpicos.

Sempre assim foi em todos os tempos e o entusiasmo dos povos da antiguidade ia mais longe ainda do que o nosso fervor, pois no Estádio de Olímpia — para não fugir ao exemplo mais directamente comparativo — se erigia de quatro em quatro anos a estátua do vencedor dos Jogos.

Diga-se de passagem que a consagração se justificava por vezes pelo valor excepcional dos atletas, alguns dos quais apresentámos em passada orónica aos nossos leitores. Mas na sequência das citações muitos mais se lhe equiparam, deixando a perder de vista os feitos dos hercules contemporâneos.

Glauco era lavrador. O pai reparou, um dia, que ele, para enterrar o sóco que se tinha separado da charrua, empregava o punho fechado a jeito de martelo. Levou-o aos Jogos Olímpicos e inscreveu-o na prova de pugilato. Ameaçado por um adversário forte e mais hábil, Glauco estava prestes a sucumbir quando seu pai lhe gritou: «Bate-lhe como na charrua!»

O filho obedeceu e — ganhou o combate...

Faleceu há meses, na Finlândia, um campeão olímpico moderno que se celebrizou sobretudo porque dois dos seus filhos o imitaram na glória. Referimo-nos à famosa família dos Jarinnen.

Comparêmo-la com o caso dos Diágoridas: o primeiro Diágoras, neto de reis, era oriundo da ilha de Rodas, onde iniciou a sua carreira desportiva triunfando na competição de pugilismo dos Jogos organizados na própria ilha natal, em honra de Tepeleto, filho de Hercules, que viera estabelecer-se em Rodas após haver assassinado, num acesso de cólera, seu tio Licinios.

Quatro vezes ainda foi vitorioso nos Jogos Istmicos, duas vezes em Nemea no mesmo dia e outras duas em Atenas. Venceu sucessivamente na Arcádia, em Argus e Tebas, seis vezes na Egíria e outras tantas na Megária, coroado a sua vida atlética com a vitória na 73.ª Olimpíada.

Era um atleta possante e impetuoso; Aristote conta que a estátua de Diágora em Olímpia tinha 1m,95 de altura e sabe-se que as imagens dos vencedores olímpicos não podiam exceder a sua própria estatura, sendo obrigação dos juizes dos Jogos exercer rigorosa vigilância sobre tal disposição. Teve este homem três filhos e duas filhas, os quais herdaram as qualidades físicas e de energia paternas.

Em Olímpia, Demágito, o filho mais velho, venceu o pentatlo nos 85.ºs Jogos, renovando a vitória nos imediatos, ao passo que seu irmão Acusilao obteve a coroa do pugilato. A glória do terceiro filho foi mais brilhante ainda: Dorieus triunfou três vezes no panerácio olímpico e colheu depois os louros das braçadas, vencendo oito vezes nos Jogos Istmicos, sete nos Jogos Neméios e quatro nos Jogos Píticos.

A fama da família não parou por aqui, pois dois netos de Diágoras, filhos das filhas, se afirmaram ainda atletas excepcionais: Euklés venceu o pugilato na categoria dos homens e Peisirrhodos na categoria infantil, proezas que valeram a ambos a coroa olímpica.

A dinastia forneceu, portanto, os seus campeões olímpicos, cujas estátuas sobreviveram à própria glória, conservando durante séculos a imagem dos famosos atletas.

\*\*\*

Passemos no livro da humanidade mão cheia de páginas seculares e vamos encontrar, entre muitas outras que deixaram celebridade, uma curiosa figura de hercules que merece fixar a nossa atenção. Trata-se do inglês Tomaz Thopham, que viveu à volta de 1740.

A força deste homem era extraordinária e permitia-lhe, ainda que desconhecendo a maneira de melhor a aproveitar, a realização de proezas fantásticas.

Levantava com os dentes uma mesa com metro e meio de comprimento, tendo na extremidade oposta um péso de trinta quilos — e mantinha-a horizontal durante tempo apreciável.

O seu mais surpreendente feito consistia em erguer, penduradas do pescoço por uma cinta, três barricas cheias de água, equivalentes a cerca de uma tonelada.

Conta-se que, certa vez, travando discussão com um estalajadeiro que pretendia o pagamento de uma conta exagerada, agarrou um varão de ferro espesso de três polegadas e enrolou-lho ao pescoço, deixando o pobre homem embaraçado com nó de gravata tão incómodo e difícil de desfazer.

Aproximadamente pela mesma época vivia na Alemanha um homem que poderemos considerar o precursor dos atletas de circo Chamava-se Johan Karl von Eckenberg e exhibiu-se, segundo ressam as crónicas, fora do seu país, nas principais cidades da Inglaterra, Bélgica, Suíça e até em Portugal.

Um historiador anónimo resume na lista seguinte algumas das proezas que executava na sua apresentação:

1.º — Levantava um canhão pesando de 800 a 1000 quilos, apenas com uma das mãos, mantendo-o suspenso com um homem a tocar tambor, sentado em cima, enquanto com a outra mão bebia um copo de água.

2.º — Amarrava-se a um cabo pelo qual puxavam dois cavalos sem conseguirem deslocá-lo.

3.º — Rebatava com as mãos uma corda que havia resistido à tracção antagonista de dois cavalos.

4.º — Apoiado apenas pela cabeça e pelos calcanhares sobre dois bancos, subiam-lhe seis homens para cima do corpo.

5.º — Prendia entre os dentes a extremidade de uma bengala, por cuja outra ponta puxavam dois homens sem conseguir arrancar-lha.

6.º — Colocava sobre o peito uma pedra de 200 quilos, que era partida à martelada.

Como se vê, este homem chegava para um espectáculo inteiro...

A palestra proferida pelo sr. dr. Manuel Mesquita Guimarães Júnior, na Sociedade de Geografia, sobre a «Assistência Médica no Desporto», confirmou a autoridade do distinto médico — adjunto do Centro de Medicina Desportiva da «Mocidade Portuguesa» — nestes assuntos, que estão na «ordem do dia» do desporto nacional.

Também recentemente publicou um interessante trabalho sobre «A higiene do desportista em treino», em que aprecia as medidas higiénicas a observar pelo desportista no treino e nas provas. Aprecia o regime nutritivo, dando indicações sobre os alimentos, as bebidas, o tabaco e o horário das refeições; refere-se ao repouso e ao sono do atleta, indicando os banhos de ar e sol como complementos indispensáveis do treino; e oferece úteis conselhos sobre a massagem e o vestuário do desportista, regras que — como escreve o dr. Mesquita Guimarães — nada têm de complicado e representam um mínimo de cuidados indispensáveis para quem procure obter da prática desportiva real benefício para a sua saúde e também para os que pretendem conseguir bons e duradouros resultados técnicos.

«Desde que se comecem a praticar estas regras — afirma o distinto médico, no final do seu trabalho — rapidamente elas se tornam hábito, cuja utilidade é reconhecida pelo próprio desportista, que logo passará a executá-las de motu próprio, sem que seja necessário recordá-las.»

Todavia, é necessário que sejam conhecidas, e a sua divulgação cabe ao médico desportivo, cuja colaboração se vai reconhecendo, felizmente, ser absolutamente indispensável no aproveitamento dos benefícios resultantes da prática dos exercícios físicos.»

## A. Ribeiro da Costa

ALFIAITE DE SENHORAS

ULTIMAS NOVIDADES

245, Rua Augusta, 247

TELEFONE 2 1040

ponto os separa na classificação.

Vencedores: na 1.ª prova, F. Cavaleiro, no «Jocosos», em 1 m 5 s 3/5; 2.ª, idem, em 1 m 12 s 2/5; 3.ª, P. Rodrigues, no «Namira», em 1 m 6 s 3/5; 4.ª, em 19 s; 5.ª, Trigo de Sousa, no «Mocaelga», em 1 m 21 s 1/5; 6.ª, J. Beltrão, no «M. Claros», em 1 m 16 s; 7.ª, P. Rodrigues, no «Namira», em 1 m 10 s 2/5; 8.ª, F. Cavaleiro, no «Jocosos», em 1 m 26 s; 9.ª, idem, em 1 m 18 s 2/5.

Pascoal Rodrigues, no «Namira» é «leader» com 127 pontos. Duas classificações sucessivas: 2.º, 5.º, 1.º, 1.º, 4.º, 2.º, 1.º, 24.º e 7.º

HANDICAP

# PORTUGAL DESPORTIVO



**ANGRA DO HEROISMO:**— A selecção de Angra que venceu a Zona B e Infantil por 3-0; 2—A categoria de honra do Lusitania S. C.; —Uma fase do último encontro Lusitania-Angrense, que terminou empatado 1-1 (fotos "Lilaz"). **CASTELO DA MAIA:** 4—O "onze" do Sport Club Castelo da Maia. **ANADIA:** 5— António Pereira (Bernardo), excelente guarda-redes do Anadia F. C., que está a ser disputado por dois clubes nortenhos— Académico e F. C. do Porto... **OLIVEIRA DO HOSITAL:** 6— António de Albuquerque, desportista completo e notável atirador do centro do país.





1



3

**DESPORTO NO ESTRANGEIRO**

1—Bela atitude de Inge Jell, notável patinadora alemã.  
 2—Jovens americanas entusiásticas do tiro ao alvo.  
 3—Curiosas projeções no gelo durante um encontro de "hockey". 4—Flagrante aspecto da célebre prova hípica inglesa para disputa da "Taça de Ouro Ascot".



4

## Inauguração da época

UMA soberba tarde de verão e a primeira enchente no Campo Pequeno. Seis touros e dois garraios do sr. Norberto Pedrosa, bem tratados, bastos de tipo e pouco propícios ao luzimento dos artistas.

Os cavaleiros, José Casimiro Jr. e Fernando Salgueiro, procuraram firmar os seus créditos, havendo a registar do primeiro algumas «tirras» aproveitando a pouca «pólvora» do touro com que abriu a lide e a forma diligente e valente porque procurou o seu segundo adversário, merecendo aqui especial menção um emocionante ferro citado a «esgo». Salgueiro, menos feliz no lote que lhe tocou, esteve também diligente sem lograr entusiasmar.

O novilheiro Cabré, que nos pareceu mais verde na arte do que nos anos, limitou-se a apontar com o capote uns pormenores desse toureiro modernista em que o jogo dos braços suprime a boa regra que manda carregar a sorte.

Com a muleta, servindo-se exclusivamente da mão direita, deu passes isolados por alto e de peito, sem ligar «faena» nem dominar. Uma menção honrosa para o seu peão Pascual Montero, que bregou acertadamente.

Os novéis bandarilheiros portugueses Gloria e Amaro, pouco felizes na alternativa. Forcados do Vale de Santarém valentes mas inexperientes. Direcção de Manuel dos Santos inferior aos justos créditos do veterano. A recolha do primeiro touro de pé, laçado ao cabo de meia hora de comédia burlesca, constituiu autêntica vergonha.

J. E.

### ESGRIMA

## O encontro de espada com a França

EFFECTUOU-SE há dias a primeira reunião conjunta da Direcção e do Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Esgrima, com o fim de serem estudados vários e importantes pormenores ligados à anunciada realização do II Portugal-França de espada. Por parte da primeira assistiram os srs. Mário de Noronha, Joel Pascoal, D. António de Almeida, Pimenta de Araújo e Ferreira de Sousa, e do segundo os srs. Mascarenhas de Menezes, Frederico Paredes, Arménio Lopes e Avelar Machado.

A segunda reunião teve lugar ontem.

As «poules» de apreciação de vem, possivelmente, iniciar-se no próximo dia 1 de Maio.

### SABONETE

## «O meu Algarve»

o melhor para a pele

MARCA REGISTADA da

Farmácia A. F. ALEXANDRE

FARO — Algarve

## O Lisboa Gimnásio Clube

apresentou as suas classes em luzido sarau no Coliseu dos Recreios

NOITE de festa e de alegria, aquela em que o Lisboa Gimnásio Clube — uma colectividade simpática e progressiva, que marcha triunfante entre as congéneres — apresentou, com o melhor aproveitamento e brilhantismo, as suas classes. E se o sarau de há um ano, na mesma sala, constituiu espectáculo desportivo atraente e digno de ver-se, a festa de agora superou, se é possível, o êxito da anterior.

Está de parabéns o Lisboa Gimnásio Clube pelo êxito conquistado: e os seus representantes, homens, senhoras e crianças, merecem a gratidão de quantos assistiram ao festival do Coliseu dos Recreios, pelo aprumo e brilho com que se houveram nos seus exercícios.

Presidiu ao sarau o sr. general Amílcar Mota, em representação do Chefe do Estado. E no camarote de honra viam-se ainda os srs. drs. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, e Trigo de Negreiros, sub-secretário de Estado das Corporações, tenente-coronel Salvação Barreto, director geral da Educação Física, Desporto e Saúde Escolar, e o director do Instituto Nacional de Educação Física.

Na sala, completamente cheia, figuras gradas do desporto, gente que habitualmente não falta aos espectáculos do género.

Entusiasmo, dinamismo, acção — três atributos que contribuíram para o brilhantismo do sarau.

Falar da festa, em reportagem de apuro técnico, é descaído na circunstância. Limitemo-nos, pois, a dar em notas impressivas, em pinceladas suaves, uma ideia geral do sarau. E diga-se, desde já, que o Lisboa Gimnásio Clube conquistou uma bonita vitória — mais, deu um passo em frente, com firmeza e decisão. Da sua actividade progressiva ficou uma ideia — e fala eloquentemente o valor da manifestação do aproveitamento dos seus pupilos, que o público apreciou, sublinhando com aplausos justíssimos as exhibições.

## FUTEBOL

(Conclusão da página 3)

rito e, ainda que os visitantes se mostrassem superiores, o marcador em branco traduz a pouca eficácia das linhas dianteiras.

### Vantagem pela tangente

A irregular equipa conimbricense foi a Guimarães ganhar, pelo mínimo, um desafio que podia ter terminado ao contrário, sem causar espanto a ninguém... Todavia, não pode deixar de saudar-se esta vitória dos estudantes num terreno onde dois dos mais apetrechados (o Benfica e o Belenenses) sucumbiram sem apêlo.

### Bravo, barreirenses!

Os campeões de Setubal conseguiram em Leixões a maior vitória alcançada por equipas visi-

O programa, vasto e recheado de números de agrado certo, foi cumprido integralmente, sem uma falha, com ritmo certo e seguro. Mão firme orientou o espectáculo. E do seu êxito dependeu também a direcção acertada de Arnaldo Mourão. Houve, pois, interesse do princípio ao fim. E quando o último número chegou — em muitos olhos estampava-se o agrado, apercebendo-se que apeteia voltar ao princípio...

Dois «números» se salientaram, ambos cheios de beleza — impregnado de graça, um, e de esforço atlético, o outro: o bailado clássico, com inspiração num dos motivos orientais, que gentis alunas de Carlos Mourão («Charles») realizaram com muita perícia, verdadeiramente encantadora de singularidade e de suavidade; e os «vãos à Codonas», por Manuel Robalo Gouveia, Rogério Torres e Teodoro Nunes, alunos de Arnaldo Mourão. Um primor de execução, imagens de arte e de força que entusiasmarão a assistência. Só um adjetivo chega para defini-lo: lindo!

Mas também tiveram agrado as três classes de ginástica educativa; os exercícios da barra fixa e paralelas, as demonstrações de esgrima, de pugilismo, de luta greco-romana — um conjunto int. resantissimo — os saltos na mesa alemã e o jogo da pau. Tudo, enfim, contribuiu para o êxito do espectáculo, completando com brilhantismo o programa.

Que a festa linda que o Lisboa Gimnásio proporcionou no Coliseu tenha repetição — são os nossos votos. Alia-o à arte, ao desporto, assim apresentado, em imagens sucessivas, dá gosto ver-se. Quanta beleza encerra a ideia esplêndida que um punhado de rapazes e de raparigas tão bem souberam interpretar na festa do Lisboa Gimnásio! Felicite-se o clube que tanto trabalha — que não para na sua constante actividade e que colhe, afinal, os frutos do seu labor. Bem haja!

PEDRO DE MONTALVO

## O Algés e Dafundo

organizou o «Torneio da Primavera»

SEMPRE na vanguarda, o Algés e Dafundo organizou, nos três últimos domingos, entre os seus sócios, e à semelhança da época passada, o «Torneio da Primavera». Compunham-no provas de 50 metros — para as categorias de infantis, inscrição livre e meninas — destinadas a um primeiro contacto com a água, um pouco antes da abertura oficial da temporada. E inscreveram-se para o disputar cerca de meia centena de nadadores e sete nadadoras.

Não houve, nem isso era de esperar, «tempos» brilhantes. Não. Mas houve provas disputadas com animação. E a forma dos nadadores virá mais tarde — na altura própria.

Numa simples resenha, anote-mos, nas provas de inscrição livre, os nomes de Oscar Cabral, vencedor dos 50 metros-costas, em 36 s. <sup>7</sup>/<sub>10</sub>; de Rafael Ramos, vencedor dos 50 metros-livres, em 30 s. <sup>7</sup>/<sub>10</sub> (o melhor «tempo» alcançado no torneio); de Afonso Gonçalves, vencedor dos 50 metros-bruços, em 37 s. <sup>4</sup>/<sub>10</sub>.

Nas provas reservadas aos infantis registaremos a actuação de Alfredo Jacinto Janardo, vencedor dos 50 metros-bruços, em 41 s. <sup>4</sup>/<sub>10</sub>; de Guilherme Patrone, vencedor dos 50 metros-costas, em 46 s. <sup>7</sup>/<sub>10</sub>; de José Adolfo Rodrigues Pereira, vencedor dos 50 metros-livres, em 38 s. <sup>7</sup>/<sub>10</sub>.

Entre as meninas, Maria de Lourdes Bessone de Basto triunfou em 50 metros-livres e nos 50 metros-costas, respectivamente em 39 s. e em 44 s., e Lucília Angeja ganhou os 50 metros-bruços em 51 s. <sup>6</sup>/<sub>10</sub>.

Tais foram as figuras mais em destaque neste interessante e útil torneio que o nosso primeiro clube da especialidade organizou e que no domingo teve o seu epílogo.

No próximo domingo, com o festival da Federação, marcado para as 17 horas, no Estádio Náutico de Algés, a época terá, oficialmente, o seu começo.

ABREU TORRES

### Palestras radiofónicas

COMEÇARAM na «Voz de Lisboa», nas suas habituais emissões de terça-feira, à noite, as palestras radiofónicas de divulgação desportiva promovidas por aquela estação em colaboração com a «Stadium».

Abriu a série o nosso camarada Avelar Machado, que falou ontem de «Esgrima: um pouco de história e divulgação». Na próxima terça-feira cabe a vez ao nosso camarada Fernando Sá, que vai falar de «Prática de campismo e suas vantagens».

### HAVANEZA

Francisco Humberto Solá da Cruz — Rua Teófilo Braga, 9

Telef. 71 — V. R. de Santo António

Valores Selados

Artigos Fotográficos

Brinquedos • Lotarias

AGENTE DA «STADIUM»

tantes. É verdade que para o volume do «score» contribuiu o facto de Couto, o habilidoso guarda-rédes, se ter magoado no decorrer das operações e não ter podido emprestar ao grupo aquela útil colaboração que a critica tantas vezes tem posto em relevo. Em qualquer dos casos, porém, o «team» matozinhense não se mostrou capaz de dar réplica condigna ao Unidos do Barreiro.

CARLOS CORREIA

**D**ESDE domingo de Páscoa que são campeões distritais de fundo, nas categorias de amadores — seniores e juniores — Tavares da Silva, do Lisgás, e o sportinguista Júlio Mourão.

Ficou assim completa a lista, onde já figuravam os nomes de João Rebelo, Dias Maia e Dias Neves, respectivamente vencedores em independentes, veteranos e iniciados.

#### Dois campeões

Mais pela maneira inteligente como correu do que propriamente por suposta superioridade atlética — pois Manuel Rocha, segundo classificado, deve igualar-se-lhe — Tavares da Silva mereceu o título. Este está mesmo muito bem entregue porque o habilidoso estradista do Lisgás — em quem concentrámos a nossa atenção este ano pela primeira vez — possui excelentes qualidades para se evidenciar na modalidade que pratica. É rápido a responder aos ataques adversários, pois «arranca» com facilidade; possui notável sentido de colocação, que lhe permite vigiar, com êxito, as manobras dos que pretendem surpreendê-lo com tentativas de fuga, e junta a estes predicados certa dose de combatividade, de que se serve para não «descolar» nos momentos difíceis das corridas. Não é o tipo possante do corredor excepcionalmente constituído, género irmãos Jacinto ou irmãos Paulos, para falarmos apenas dos amadores; além disso, a sua posição, algo alta — talvez dois centímetros — emperra-lhe um pouco o movimento rotativo dos artelhos. No entanto, é «ligeiro» a rolar, é bastante «souple» e parece ser muito disciplinado, factor este que constitui trunfo notável para quem pretende progredir.

A premiar a perseverança com que se prepara e a obediência manifestada às pessoas que o orientam, Júlio Mourão conquistou o seu primeiro título, embora de maneira algo inesperada. Mas disso não tem êle culpa! Logo que o grande favorito da prova e do campeonato, o «iluminante» Guilherme Jacinto, ficou arredado da competição, por queda e avaria, ao sportinguista bastava-lhe chegar entre os quatro primeiros para ser campeão. E assim sucedeu. Terminando em segundo lugar, atrás do fogoso Aristides Paulo, este correndo e ganhando no domingo «à vontade», o sportinguista ampliou a obra que o seu clube parece ter encetado de ganhar um título em cada categoria, a começar de baixo para cima...

#### Corridas medíocres

No que respeita a valor desportivo, as duas corridas disputadas no percurso Lisboa-Malveira, a cobrir duas vezes, pouco mérito tiveram. Os «tempos» são medíocres, e a luta travada, quer numa quer noutra, pouco brilho teve. Dignas apenas de assinalar: a tenaz perseguição de Rocha para anular o tempo perdido com um «furo»; a simpática atitude de José Jacinto, que se prestou a entreajudar o seu companheiro de clube ficando com êle na estrada; e a embalagem final, em pleno Campo Grande, da qual saíram vencedores Baptista Alves e João Lourenço, homens que por se terem remetido à mais prudente das defesas não tiveram

## CICLISMO

### TAVARES DA SILVA E JÚLIO MOURÃO

Campeões de Lisboa de «amadores»

difficuldade em se impor a um lote de estradistas menos rápidos, é certo, mas muito mais esgotados que êles.

Isto deu-se entre seniores, porque nos juniores, sem a «caça» de Espadinha e Joel e a fuga, já perto da meta, de Aristides, a corrida ter-se-ia resumido a um treino, feito em «passo» rijo, na distância de cento e tal quilómetros de percurso difficil.

A «I Rampa de Santa Catarina», disputa-se no próximo domingo, nas categorias de «amadores» e «iniciados». Os prémios são:

**Amadores** — Taça «Stadium», de prata, para a primeira equipa de 3 corredores, uma taça de prata para a segunda equipa e medalhas até o décimo corredor classificado. **Iniciados** — Taças de prata para a primeira e segunda equipas de 3 corredores, e medalhas até o décimo corredor classificado.

GIL MOREIRA

## HOCKEY EM CAMPO

### A EQUIPA DE LISBOA VENCEU A DO PORTO

por 3-1 na quinta partida da série

**D**ISPUTOU-SE na última sexta-feira, no Lumiar-A, o V Lisboa-Porto, em hockey em campo, triunfando a equipa da Associação de Lisboa, por 3-1. Neste desafio, aguardado com justificada curiosidade, a selecção lisboeta alcançou excelente triunfo — e, com êle, a vantagem na lista geral de resultados. Nas anteriores partidas registaram-se duas vitórias do Porto, uma de Lisboa (no «match» de abertura, em 1931) e um empate, com igualdade de «goals» marcados: seis.

Ao encontro assistiu o sr. capitão António Cardoso, da Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, antigo praticante da modalidade, pois jogou no Internacional. E antes do começo da partida os srs. Paulo Martins, J. M. Simões e Ludgero Alvarez, da direcção da Associação de Lisboa, foram ao terreno saudar os visitantes, oferecendo, nessa altura, ao sr. Manuel Carvalho, presidente da Associação do Porto, uma linda

«plaque» de prata, como recordação do «match». Em troca, receberam um bonito galhardete, lembrança da visita.

O desafio teve agrado completo e constituiu bom espectáculo desportivo. Lutou-se com entusiasmo e correcção, embora, por vezes, o jogo endurecesse, em especial na segunda parte. Os visitantes, estranhando o piso do terreno, macio e brando, que levantava muita poeira e dificultava a corrida da bola, mostraram, contudo, melhor conjunto, mas os lisboetas jogaram com mais energia, distinguindo-se pelos seus valores individuais. Chegou-se ao intervalo com 2-1, tendo sido os visitantes os primeiros a marcar, aos 7 minutos, por intermédio de Mário Paiva. Os «goals» de Lisboa foram obtidos por Trigo da Silva e Olivério Serpa, respectivamente, aos 20 e 33 minutos. Na segunda parte a qualidade do jogo foi inferior durante a primeira vintena de minutos. E só depois disso, feito, por Álvaro Gão, terceiro «goal» dos lisboetas, é que o jogo subiu de nível, interessando especialmente nos últimos dez minutos.

Alinharam os elementos seguintes:

**LISBOA** — José Gomes; António Campos e José Eugénio (cap.); Vitor de Carvalho, Joaquim Garcia e Humberto Rodrigues (na 2.ª parte); Ludgero Nascimento; António Perna, Carlos Alberto (na 2.ª parte); Álvaro Gão, Trigo da Silva, Olivério Serpa e Leonel Costa.

**PORTO** — Albino Santos; Fernando Rodrigues (cap.) e Rodrigo Amoroso; Hugo Lopes, Waldemar Azevedo e Luis Amoroso (na 2.ª parte); Joaquim Ferreira; Mário Paiva, Manuel Rijo, Vitor de Sousa, Francisco Carvalho (na 2.ª parte); Luis Amoroso e Pinto Coelho.

Arbitraram os srs. Francisco Retorta (Porto) e Amadeu Rodrigues (Lisboa).

A Associação de Lisboa ofereceu aos visitantes, findo o jogo, um «Carcavelos de Honra», usando da palavra os srs. Paulo Martins, Manuel Carvalho e Alexandre Samagão, seleccionador do grupo portuense.

MÁRIO DE CASTRO

## Concurso do «Goal da Vitória»

O apuramento dos dois últimos boletins deu o resultado seguinte:

**N.º 13** — Com o prémio de 1.000\$, SESENTA E SEIS (66) concorrentes; com o Prémio de 500\$, MIL DUZENTOS E QUATRO (1204). Marcadores: José Pedro (Bel.), «Neio» (Benf.), Peyroteo (Sp.), Ferraz (Vit.) e Moreira (Olh.).

**N.º 14** — Com o prémio de 1.000\$, DOIS (2) concorrentes; com o prémio de 500\$, MIL E SESENTA E DOIS (1062). Marcadores: Conceição (Bel.), Peyroteo (Sp.), Manuel da Costa (Benf.), Brito (Unidos) e José Henriques (Un. Barreiro).

No próximo número publica-se o apuramento do cupão n.º 4, em atraso por causa do adiamento do jogo Leixões-Vitória Guimarães, da primeira volta.

Vamos enviar aos contemplados da província com os prémios de conto de reis, as importâncias relativas aos boletins n.ºs 13 e 14.

## CONCURSO DO «GOAL DA VITÓRIA»

(ORGANIZAÇÃO DE «STADIUM»)

### BOLETIM N.º 16

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL  
16.ª JORNADA

SPORTING — BELENENSES

UNIDOS — VITÓRIA

LEIXÕES — BENFICA

ACADÉMICA — OLHANENSE

UNIDOS (do Barreiro) — F. C. PORTO

MARCADORES DO «GOAL DA VITÓRIA»

Nome do concorrente

Morada

NOTA IMPORTANTE: Os boletins que não tragam bem legíveis o nome e a morada do concorrente serão inutilizados.

Todos os boletins — Lisboa ou província — devem dar entrada na Redacção (Trav. Cidadão João Gonçalves, 19-3.ª), imperivelmente até às 18 horas dos sábados que precedem os jogos, como indicado na base 3.ª do Regulamento do Concurso.

## LEVEMENTE...

### Esclarecimento

**E**M certa altura da minha última crónica uma «gralha» meteu-se entre a prosa, deturpando-a de tal modo que não posso deixar de exarar este «protesto». A propósito da pouca utilidade de preparar certos jogadores para o «conze» nacional escrevera eu, pouco mais ou menos: «É o caso de Mourão», que anuncia a sua despedida para breve e é o caso de alguns outros em declarada decadência, etc., etc. Pois um salto de linhas deu: «É o caso de Mourão em declarada decadência», etc.

Ora como não é isto que eu penso — nem ninguém — e como esta afirmação «gralhada» contraziz em absoluto o que, atrás, eu afirmava quanto à actual forma do «capitão» leonino, não quero deixar de fazer esta rectificação para colocar as coisas e o meu pensamento nos seus devidos lugares.

R. de L.

# HOCKEY EM CAMPO

LISBOA VENCEU  
O PORTO POR 3-1



A selecção de Lisboa



Um ataque dos lisboetas



Fernando Rodrigues e Manuel Rijo, os únicos jogadores que têm tomado parte em todos os encontros entre Porto e Lisboa

O 2.º «goal» de Lisboa



A selecção do Porto